GESTÃO ESCOLAR E PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: PONTOS E CONTRAPONTOS PARA SE PENSAR A CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA EM NOSSAS ESCOLAS

Edna Maria Chimango dos Santos[1],

[1]Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP

ednachimango@gmail.com

Linha de trabalho**: Eixo 02 Gestão e ações no/sobre ambiente escolar**

Resumo

O presente relato de experiência procura dialogar sobre a participação dos diferentes atores da comunidade escolar no processo de construção democrática da escola pública, tendo como eixo norteador a elaboração do projeto político pedagógico da escola. Acerca dessa construção, importante destacar que ainda hoje nos deparamos com projetos construídos em "portas fechadas", por pessoas tidas "capazes" dessa construção. Assim, objetivamos desconstruir a ideia da escola como campo fechado de práticas e saberes limitados para torna-la, a partir de uma gestão aberta e participativa, local de diálogos tecidos a várias mãos.

Palavras-chave: Educação, Gestão, Escola.

Por muitos anos aprendemos e ensinamos a partir da relação professor que ensina, aluno que aprende, e este último, sentado, enfileirado, comprimido, omitido, cumprindo, de forma inflexível, horários, espaços, comportamentos, relações, diálogos, posturas e procedimentos, todos os dias, ano a ano, disciplinadamente organizado, em ritmos de aprendizagem bem definidos, por um único sujeito: o professor, a escola!

Esses papeis, na maioria das vezes estanques, refletiam o paradigma educacional vigente, prevalecendo formatos de aulas, conteúdos, currículos e escolas fixas, sem participação e diálogo dos diferentes atores sociais.

No entanto, diante das grandes e aceleradas transformações tecnológicas, difundidas em toda a sociedade global, em que informações, acontecimentos e comunicações são

compartilhados por todas as pessoas, em tempo real, de todas as partes do mundo, fizeram com que as relações sociais e educacionais fossem alteradas, bem como as formas de aquisição dos conhecimentos, repensando valores, costumes, hábitos e procedimentos de ensino e de aprendizagem.

Nessas novas redefinições, cabe-nos questionar: Quais os novos papeis dos sujeitos, frente à aquisição dos saberes? As formas tradicionais de ensino se adaptam às novas dimensões de vida e trabalho pretendidas pelas sociedades atuais? Qual o meu papel, como aprendiz, que experimenta e constrói, transforma e redefini a própria dinâmica da vida?

Essas e tantas outras questões constituem reflexões pertinentes ao curso de especialização em Gestão Escolar, ofertado pelo programa Escola de Gestores. Nele, temos refletido os papeis dos diferentes sujeitos no processo de democratização das nossas escolas, para além do que Freire (2002, p. 58) aponta como sendo uma visão de educação bancária, onde o saber é visto e compreendido como "uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber".

Nessa dinâmica, autores como PARO (1992, 2010), XAVIER (2015) e GRACINDO (2009) apontam para a necessidade de tecermos, de forma contínua, uma gestão que seja de fato democrática, apesar dos seus desafios e entraves, numa relação dialogada, participativa e construída a várias mãos, procurando mudanças que vão ao encontro de relações mais envolventes, interativas e verdadeiramente transformadoras, pois ouve e respeita as múltiplas opiniões apresentadas.

Para tanto, esses autores se propõem pensar conceitos como gestão participativa, projeto político pedagógico, democracia e administração, sendo esse último mais complexo, pois carregada características e consequências ainda desastrosas para a sociedade atual, fruto das ditaduras vividas e dos equívocos ou dualismos que esses termos carregam, como o fato de se achar que o conceito de administração ou o ato administrativo estivesse limitado aos governantes ou pessoas que ocupem cargos de poder, desmerecendo as ações das demais pessoas ao seu redor, empobrecendo a ação administrativa mais importante.

Na escola, por exemplo, a administração deve ser entendida como mediação, usada para alcançar determinado fim, numa ampla preocupação com o todo, permeando todo o processo pedagógico da escola, articulada aos recursos financeiros, aos recursos humanos, à logística de

aquisições, do transporte e de tantos outros pontos e articulações usadas na mediação do ato aprendiz, num esforço coordenado e conjunto, sério e responsável, dialogado e coerente com a visão que se tem do próprio conceito de administração.

Assim, cabe-nos compreender esses conceitos e suas amplitudes, repensando, a partir de análises de leituras e referenciais teóricos que abordam esse tema, as práticas que temos apresentado dentro das escolas, decorrentes de ideais oriundos da nossa formação, das nossas concepções sobre a gestão escolar e dos desdobramentos críticos que envolvem e gestão ou a administração das escolas, compreender a natureza do trabalho do diretor escolar, na perspectiva da gestão democrática das unidades escolares e dos sistemas de ensino.

Para além dessas compreensões, são necessários questionamentos acerca do sujeito que se pretende formar, dos objetivos da escola, do produto que ansiamos formar, tendo bem definido que meios e fins são complementares, são profundos e permeados pelo projeto político-pedagógico da escola, entendendo-o como sendo "uma intencionalidade declarada na busca de atingir uma necessidade real da escola, por isso faz-se necessário que todos os integrantes da escola pactuem com essa intenção norteadora", aponta XAVIER (2015, p. 64).

Dessas questões, é necessário de reflitamos sobre o caráter hierárquico da distribuição da autoridade, que na maioria das vezes visa estabelecer relações verticais, de mando e submissão, com interesses imediatos, quando deveria ser pensada para e com todos, já que "o compromisso do gestor é com toda a sociedade e não, apenas, com determinados segmentos sociais específicos", afirma GRACINDO (2009, p. 138).

A partir dessa constatação da necessidade de mudança e alargamento da visão da escola que se tem e da escola que se pretende formar, na apropriação de valores e saberes, que é a educação ampla dos sujeitos, do trabalho em equipe, compartilhado e desalienado, vamos transformando, de fato, as escolas em que trabalhamos.

Essa transformação se dá a partir da compreensão da realidade escolar e das transformações que desejamos, postas no projeto político pedagógico da escola, construído a várias mãos e reflexões, por toda comunidade escolar, de forma verdadeiramente participativa e produtiva, no que Paro (1992, p. 40) aponta como sendo "a participação na execução; mas também não tem esta como fim, mas sim como meio, quando necessário, para a participação propriamente dita, entendida esta como partilha do poder".

Assim, acreditamos que o gestor seja ponto de apoio e equilíbrio, mediador do processo de construção da gestão democrática, com maestria e ética, possibilitador do protagonismo dos sujeitos, das ações, das construções e das transformações que almejamos na sociedade, na busca da qualidade e sucesso de todos os sujeitos que ocupam e, portanto, compõem o ambiente escolar.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002

GRACINDO, Regina Vinhaes. **O gestor escolar e as demandas da gestão democrática: exigências, práticas, perfil e formação**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 3, n. 4, p. 135-147, jan./jun. 2009.

PARO , Vitor Henrique. **Gestão da Escola Pública: a Participação da Comunidade**. R. bras. Est. pedag., Brasília. v 73, n.l 74, p.255-290, maio/ago. 1992.

_____. **A educação, a política e a administração: reflexões sobre a prática do diretor de escola**. Universidade de São Paulo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.3, p. 763-778, set./dez. 2010.

XAVIER, Rosineide Barbosa and SZYMANSKI, Heloisa. **Compreensão de diálogo em um processo de construção coletiva do projeto político-pedagógico**. Rev. Bras. Estud. Pedagog. [online]. 2015, vol.96, n.242, pp. 61-78. ISSN 2176-6681.